

Três Passagens rente ao Índico

L í d i a J o r g e

*Sempre que pronunciamos alguma coisa,
desvalorizamo-la singularmente.*

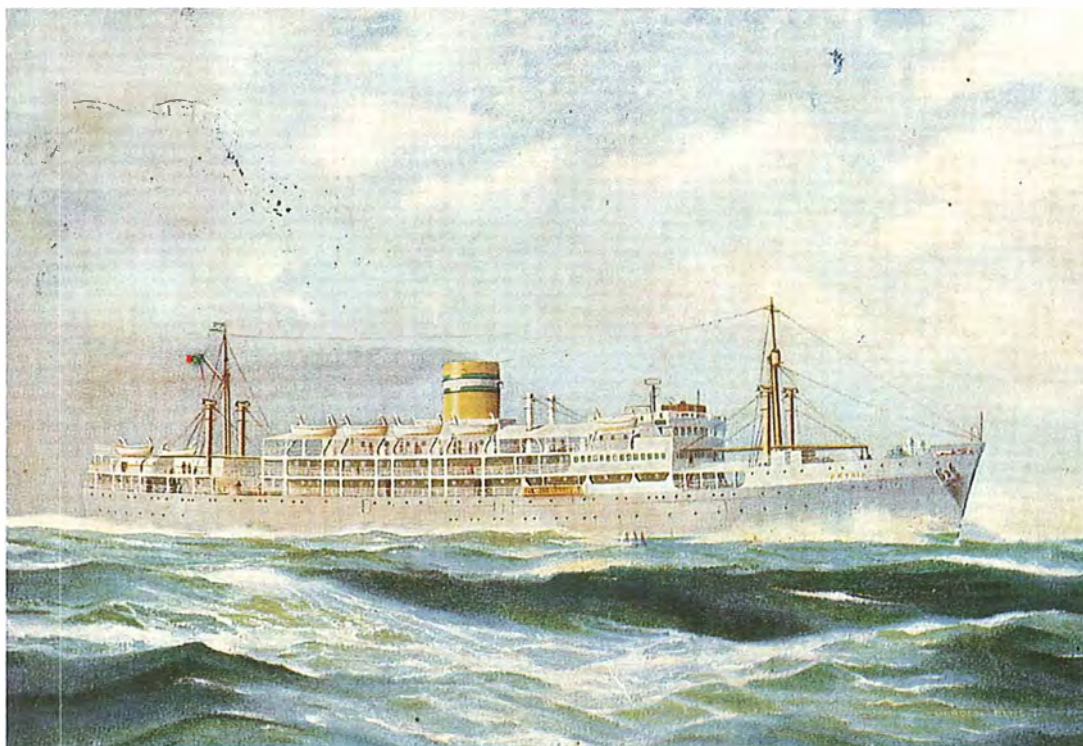
Maeterlinck

EU NÃO ASSISTI A ESSE DILEMA, MAS SOUBE MAIS tarde que Manuel Guerreiro Miguel decidiu partir para África porque nesse continente havia terras onde se falava português e quando tomou a decisão, já não tinha idade para aportar a um lugar do Mundo onde não pudesse usar a sua própria língua. Estava-se a meio do século, a Segunda Guerra tinha terminado e os transportes de longo curso ainda giravam lentos por cima das águas. Os navios desapareciam na linha do horizonte como se se fossem esconder em lugar nenhum. Mas aos cinquenta anos, o meu Avô mantinha a ambição dum adolescente, e a ele não lhe metiam medo nem a distância nem os sacrifícios. Dizia desejar acima de tudo melhorar a sua casa, regressar porventura para retomar a sua indústria de telhas.

Por isso, as primeiras cartas que li na vida viriam a conter sobre o envelope palavras difíceis de pronunciar — Cheringomona, Zambézia, Chingune, Chiloane, Sofala, Moçambique. Mas no globo terrestre que existia sobre uma secretária, na sua posição inclinada e giratória, de arco graduado, esse local do Mundo era logo ali e só parecia longe, quando a minha mãe me impelia a fazer o esforço de abstracção que consistia em reconhecer Portugal na proporção da Terra, o tamanho do Algarve que não era nenhum, a inexistência da nossa freguesia, a impossibilidade de representar naquela bola riscada por meridianos a nossa própria casa. Então sim, reconhecendo-me no infinitamente pequeno, África assumia o tamanho dum sonho lento, e a distância que nos separava não tinha fim.

Mas tinha fim, sim, porque Manuel Guerreiro Miguel escrevia cartas sobre a sua experiência e a sua vida longe. Chingune era um porto e a

*Manuel Guerreiro Miguel decidiu partir para África porque nesse continente havia terras onde se falava português...
[Postal do "Pátria", pacote da Companhia Colonial da Navegação].*



oeste de Chiloane havia umas minas de sal-gema, e nas minas ele era o patrão, ou talvez só o capataz a quem chamavam patrão. Nas cartas falava do seu comando, do seu ofício de supervisão e ordem, instigação ao trabalho que a ninguém apetecia, principalmente de dinheiro, cheques, contas de multiplicar, como emigrante que era. Aliás, o emigrante tinha conhecido Lourenço Marques, as plantações de chá no Gurué, tinha feito caçadas no Búzi. Agora conhecia a Beira, os carris da velha *Rhodesia Railways, Ltd* e da *Trans-Zambeziian Railways* e as casas coloniais de cunho inglês de alpendre rendilhado. A Beira era mesmo o seu recreio. Daí mandava notícias de pausa, mandava fotografias do porto, guindastes altos enfileirados no molhe, palmeiras que davam sombra em forma de rosácea, pessoas pretas quase nuas sentadas na sombra delas. Nas cartas fazia o elogio das mulheres

escuras, da sua dedicação, seus cozinhados, o céu, o cheiro, fazia o elogio do espaço, das noites caindo sobre a Terra como uma cortina tombada, o elogio do silêncio, a vista longa sobre os grandes espaços e do respeito que os naturais tinham por ele, mudando de passeio quando o viam. Das calças curtas que usava, do chapéu de pano que punha, do que vivia e desfrutava, do dinheiro que amontoava sem grande esforço. Então, Manuel Guerreiro Miguel, sem o saber, não era mais um emigrante, era um verdadeiro colono. Ele não incorporava a diferença, ele usufruía a diferença. E foi ficando, ficando, cada vez mais envolvido com a terra, o desterro da terra, a alegria de estar desterrado sob o céu do Índico.

Por isso, quando voltou, não chegou nem mais rico nem mais pobre. Chegou apenas mais velho, empurrado para casa por uma pontada no ventre. Uma dor que lhe nascera nas minas e



...e foi ficando, ficando, cada vez mais envolvido com a terra, o desterro da terra, a alegria de estar desterrado sob o céu do Índico.

cuja identificação procurava nas radiografias, a que ele chamava chapas. Mas entre as dezenas de chapas que ele estudava no contraluz, atestando as febres, a malária e o labor das águas inquinadas, e pelas quais soltava de vez em quando um grito lancinante que tinha tido origem em África, vinha o dente de marfim, o tambor, a máscara, a azorrague de verga de elefante, a pele riscada da zebra e os livros da Coleção Dois Mundos, com histórias europeias que usara para adormecer nesses lugares. Trazia palavras como *táta, machimbombo, gínga, papaeira, abacaxi, maningue, quinhenta*. Um mundo distante, romântico, uma visão aventureira, arrumada entre um nós e um eles, sem sobressalto, um mundo assimétrico, abaulado, perto de ter seu fim. Mas ele não sabia disso. Manuel Guerreiro Miguel compreendeu, ao regressar, que lá havia desenvolvido uma outra natureza, o mundo tinha-se-lhe revelado duma outra forma e com

uma outra grandeza e amplidão. A experiência que fizera do outro lado da Terra havia-o sucumbido. Entre todas as cidades, ele escolhia a Beira, os armazéns da Beira, os amigos da Beira, o cemitério da Beira. “Era lá que eu deveria ter ficado!” — Dizia ele, depois de ter chegado, acariciando o lugar do fígado, o órgão que dizia produzir-lhe o grito lancinante. A filha perdia a paciência e dizia-lhe — “Não ouve as notícias? Não sabe que esse seu mundo já não existe?”

Sim, esse mundo teve seu fim.

Foi para ver esse fim que passados alguns anos a neta de Manuel Guerreiro Miguel viveu na Beira. Mas então o tempo era outro e nem a cidade era já a mesma nem os intérpretes se pareciam, ainda que por vezes os passos se cruzassem sobre locais que mantinham os mesmos nomes. Conforme o tempo, aquele tempo, as

primeiras palavras que aprendeu quando chegou ao aeroporto foi *mainato* e *capim*. O cheiro a terra e a canaviais, mato e ervas bravas, acompanhavam o percurso lento do táxi, através de estradas planas que se desenrolavam rente ao Índico. Eu pensava que capim era um sítio de luta, imaginava-o numa outra forma, mas o taxista explicou — “Não, capim é isto...”. Nesse princípio de tarde, havia um mar amarelado com algum cheiro a nafta, espalhando-se baixo, sem ondulação. Rente às paredes que separavam a areia da estrada, havia uns corvos, e sobre eles umas árvores de rama acerada como pinheiros, e depois, palmeiras. Do outro lado um renque de vivendas guardadas no meio de jardins, e um parque com baloiços onde, àquela hora de calma, não havia vivalma. E depois, surgiram os prédios altos, espécie de arranha-céus erguidos nos descampados, ou emergindo por entre os prédios baixos, os do tempo de Manuel Guerreiro Miguel. Parámos. “Mainato?” — perguntou alguém à chegada, rente aos prédios altos.

Vários candidatos a mainatos estavam à espera. Mas uma senhora platinada pegou cuidadosamente na criança que eu levava ao colo, enxotou os candidatos e aconselhou-me a pagar só o que se costumava pagar a um mainato. A prudência e o bom senso numa pessoa via-se pela forma como se pagava aos mainatos. Se pagasse de mais criariadesequilíbrios desnecessários, fomentaria reivindicações latentes que era preciso amordaçar. Porque lutavam se ali havia de tudo, trazido pela mão daqueles contra quem lutavam? Na verdade, em baixo havia flores importadas da África do Sul, flores de todas as cores e aromas. As montras das lojas estavam cheias de roupas finas, pelas ruas as mulheres passeavam, grávidas. Havia dezenas de grávidas, empurrando carrinhos.

Havia um sinal de multiplicação no ar quente, na vida lenta, nos frutos tropicais ardendo sobre as fruteiras, e os militares de alta patente

passando, querendo muito permanecer ali, ideias nocturnas de construir vivendas à beira-mar, ter cinco criados, chamar por eles em voz alta, tratá-los por tu, por moço. Dizer muito alto — “Tu, rapaz, hoje, regar a flor. Mesmo que chova, regar a flor!” A neta de Manuel Guerreiro Miguel resistiu sem glória, sem saber ao que resistia, nem qual era o sentido da resistência. Só resistiu quinze dias. Depois, também aceitou a companhia dum mainato.

Ele abria a janela, sacudia o pano de pó diante do mar e chamava-me para ver os pássaros vermelhos. Gritava de alegria por ver os pássaros dessa cor. Eu tinha uma criança ao colo, levava-a a ver esses animais com o mainato. Ele sentava-se no banco de trás e eu conduzia, com a criança à frente. Passávamos pelas terras que Manuel Miguel conhecia — ali o Chiveve com seus batelões, além o Pungoé com seus navios. Ali a Estação dos Caminhos de Ferro que levavam gente pela Zambézia adiante, além o Moulin Rouge e suas pás de fancaria, ali as casas dos ingleses, além o farol do Macúti, ali o Hospital onde o avô tinha tirado as chapas às vísceras, e depois as casas dos seus amigos, com uma porta, a célebre porta com poial de pedra, aonde ele dizia ter vindo aportar, durante uma cheia em que o Pungoé transbordara, o corpo ferido do jacaré. “Isso eu ouvi dizer que até foi escrito” — disse certa vez o mainato.

O mainato chamava-se Mário Lázaro Semente e sabia ler e escrever um recado, utilizando só os substantivos — *Mercado, Água, Farmácia*. Entendíamos-nos bem. Uma noite ele ficou com febre e a neta de Manuel Guerreiro Miguel deixou-o dormir na cozinha. A senhora platinada deixou um recado preso nos vidros da porta — *Cuidado com os vizinhos!* Sim, era preciso tomar cuidado. Com os vizinhos, as vizinhas, as línguas próximas, a balas longínquas, os aviões atingidos, os homens mortos dum lado e de outro. Cuidado com os sobreviventes de



...além o farol do Macúti...

aldeias que eram queimadas, parentes dos sobreviventes eram alunos do Liceu, em turmas onde só havia um familiar dos sobreviventes entre sobrinhas, netas e filhas de senhoras parecidas com as netas das senhoras platinadas. Cuidado com essa assimetria, cuidado. Cuidado com as tripas fora, recolhidas para dentro das arcas compridas, fechadas com uma tampa onde dormia um pequeno Cristo, cuidado com as viúvas da Beira que eram mandadas regressar às escondidas, muito cuidado. O mainato vinha a pé da madrugada, vinha do Macúti, do Maquinino, da Ponta Geia e dizia — Cuidado! Um dia disse — “A rua está na guerra”. O mesmo que era dizer — A guerra está aqui, na rua. E estava. Por isso, no dia em que foi preciso entrar numa serração, para comprar madeira e emalar os haveres, foi necessário atravessar a cidade de caniço. — Vamos à serração? Sim, mas sem crianças. Agora havia duas crianças.

Então o desfecho já estava tão iminente que o carro foi rodeado de gente que saía das casas de caniço. E era bem feito. Pois o que ia fazer a neta de Manuel Guerreiro Miguel a esse lugar? Ia buscar caixotes para fazer as malas e regressar. Eu ia. O percurso era exacto, era do meu tempo, coincidia com um troco da vida exacto como o tempo. Eles cercavam o carro e discutiam. Por certo que diziam o que eu merecia e o que não merecia. Pois o que merecia eu? Vamos morrer aqui, à catanada, disse. — Mas Mário Lázaro Semente saiu do carro, avançou para os que saíam das casas de caniço e começou a falar, a esbracejar, depois deitou-se no chão e esperou, de bruços sobre o pó, esperou. E eles falaram alto, eles brandiram a catana por cima de Mário Lázaro Semente, que por fim se levantou, depois de baixarem a catana, e encaminhando-se curvado para o carro, sujo de terra, sentou-se no banco da frente, e disse que podíamos ir até a

serração buscar madeira. Só esta vez, pela última vez levar para fora madeira do país. Pela última vez, pela última vez.

Sim, a fruta era boa, as ruas mansas, mas a revolta era intensa, e não se podia desempenhar um papel tão nítido, quando o que se sentia não tinha nitidez nenhuma. A neta de Manuel Guerreiro Miguel não podia nem sabia desempenhar outro papel que não fosse esse — o de conduzir um carro branco, com duas crianças ao colo e um mainato, agora a estudar na terceira classe, sentado atrás. Fez os caixotes. No meio da flat, Mário Lázaro Semente trazia pregos, fechava com grandes marteladas os caixotes da última madeira. Chorava para cima dos caixotes. Queria abalar com a neta de Manuel Guerreiro

Miguel e os filhos dela. Dizia que se ficasse, iria morrer já, que não saberia o que poderia acontecer, que queria acompanhar as crianças e os animais das crianças. Cuidaria para sempre de todos, não desejaria nada a não ser roupa, comida e uma viagem. Nada mais.

Mas não era verdade, essa não podia ser a ambição dum homem. E não era por certo. E por isso mesmo, ela queria tê-lo trazido mas não podia, sentindo-se demasiado neta do seu avô, e sem perceber qual deveria ser o seu papel perante aquele pedido, achou que não. — Ninguém nasce livre da terra. Não vale a pena fugir. Estamos marcados pela terra como estamos marcados pelas feições da cara. A História mudava rápido, ainda que demasiado tarde. As palmeiras, os pinheiros, os corvos e as ondas do Índico é que pareciam não saber. Moviam-se de igual modo, indiferentes ao que ocorria, cada vez mais perto, cada vez mais perto. Mas no dia em que os caixotes foram entregues no porto do Pungoé, para seguirem por via marítima, as primeiras janelas na Ponta Geia foram apedrejadas. Alguns vidros não caíam logo. Ficavam feitos puas agarrados aos caixilhos. E dentro das vivendas dos colonos, iniciava-se um espaço escuro. Uma espécie de profanação mais funda do que as janelas, um estilhaço no tempo, uma passagem para um outro lado que começava para além dos vidros. Então o mainato despediu-se, oferecendo uma fotografia — Oferece esta foto, Mário Lázaro Semente, seu menino.

Não faria mal. A neta de Manuel Guerreiro Miguel pensava com o seu tempo. Pensava que em breve as pessoas que haviam erguido a catana, no bairro de canço, estariam sentados nas cadeiras de balanço, tomando chá nas vivendas da Ponta Geia. Pensava que negociariam os carros, os haveres, que iriam gerir a relva, a água, as telhas, os baloiços dos meninos pendurados das correntes de aço do *Lyons Club*. Como pessoa do seu tempo e da sua idade, imaginava uma tran-



2018, P4
Zeira
Esta foto, estou a oferecer
minha neta D. Lidia
Jorge
Sou eu menino
Mário Lázaro Semente

sição lírica em que as pessoas se moveriam como figurinhas de barro num presépio. Imaginava paz, com outras cores. “Fica, fica aqui na tua terra” — disse a Mário Lázaro Semente, seu menino.

Passaram anos, muitos anos.

Por acaso ninguém conhece por aqui, um rapaz que nos anos setenta vinha do lados do Maquinino e se chamava Mário Lázaro Semente?

Não, ninguém conhece. Na cidade da Beira, vinte anos depois das primeiras pedradas nas janelas, ninguém sabe quem foi Mário Lázaro Semente, seu menino. É mesmo estúpido perguntar por ele. É uma pergunta ilegítima, estando ela ali de corrida, de passagem, só para ver, para respirar o ar da recordação, observar o ponto de cinza duma sociedade, e vir ali para perguntar por Mário Semente Menino. Tão idiota como perguntar pela porta dos amigos de Manuel Guerreiro Miguel, onde antes havia aportado um animal dos rios interiores. Não, não deveria perguntar. Muita gente morreu, outra mudou de nome. Foi assim.

Durante anos, pessoas vinham do Norte, do Oeste, vinham refugiar-se nas casas térreas, nas casas altas de vários andares. O sol levantava-se na linha do horizonte, sobre o Índico. Depois duma noite, quem se lembrava que se estava refugiado a uma altura onde só deviam morar os pássaros? As pessoas foragidas da violência levantavam-se de manhã e caminhavam a direito, em frente do sol. Por vezes, nem abriam bem os olhos, iam a direito, a dez andares de altura, onde só deveriam acolher-se os pássaros, a direito face ao horizonte, e saíam pelas janelas sem grades nem vidraças. Em baixo, distante, muito distante, em escassos segundos, ficava a terra, duríssima terra. — Isso conta a Mãe, a senhora freira que fala sobre os vidros partidos e por que

razão nunca mais foram repostos, até àquela data. Trata-se da Beira, do corredor entre o Norte e o Sul, e dito assim, na década de noventa, muitas palavras ainda são bélicas. O mar é o mesmo, mas as árvores parecem açoitadas por um vento demasiado seco.

Sim, o carro do Cônsul passa, levando-me através das ruas. Não vejo os corvos do paredão nem as aves vermelhas do sapal. As estradas estão cortadas, as casas gradeadas até às telhas. Entra-se num Restaurante saltando por cima duma poça de água verde e lá dentro, na sala quase vazia, está um sul-africano loiro, sentado à mesa. Diante dele, vestida de vermelho está uma rapariga de treze anos, catorze, quinze talvez, por certo menos, porque o seu corpo move-se com a elasticidade das meninas ainda impúberes, olhando para o prato da comida. A menina não sabe usar a faca e o garfo, mas está tão enfeitada, com um baton tão intenso àquela hora do dia, dentro do restaurante, e usa tantas pulseiras no seu braço direito, que já não pode ser criança. O sul-africano é grande, forte, educado, não fala, sai da sala empurrando a ex-criança pelo decote como se formassem um par. Entram num grande carro com ar condicionado. É natural que seja um dos que está reconstruindo as lavras, as fazendas, um dos que vem ajudar a recuperar a terra, diz um português recém-voltado. Sim, é português de Almada e também está ajudando. Voltou para a antiga fazenda. Diz que as pessoas da sua antiga fazenda o reconheceram e o festejaram. E fala, fala. Fala do seu regresso, e está convencido de que é capaz de reconstruir a agricultura muito melhor que os *boers* que estão chegando. Melhor que os finlandeses, os ingleses ou os suecos. Fala, pela noite adiante. Mas para ele também a terra não é mais a mesma, a vida não é mais a mesma. Como num filme rápido, em que a mudança tivesse sido acelerada e só escassos intérpretes da mudança tivessem sido poupados.

*Sonho com o futuro manso onde os mercados
estejam repletos, as escolas povoadas...
o mar sem nafta, as ondas sem memória
de nenhuma dor...*

Pena, muita pena que não tivesse acontecido há muito, que não tivesse acontecido no século passado, para sermos contemporâneos do futuro rápido da terra. Sonho com o futuro manso onde os mercados estejam repletos, as escolas povoadas, o Hospital do Macúti apetrechado, o farol olhando para nós que por aí passámos, na contradição absurda de vivermos o nosso tempo e sermos filhos dele, mesmo quando nos rebelamos e julgamos sair dele e andar à frente dele. O mar sem nafta, as ondas sem memória de nenhuma dor, as pessoas alegres, ela queria. Esse mundo perto do céu, que se poderia imaginar, a partir da planura. O medo eterno de escrever sobre isso. No entanto há quem durma tranquilo,

quem faça versos e os publique apenas sobre a beleza. Ou como Adriaan Van Dis, em *Gente de África*, sobre o Corredor da Beira, como ele, há quem procure esses locais para contar histórias e parábolas, e publicá-las de forma exemplar, sobre a mãe violência, nossa senhora das fomes e das facas. E há quem ache, sempre que se aproxima desses instantes, que o sino da ilegitimidade toca a rebate, e se cale. Alguns devem manter um caderno ainda intacto em cuja primeira página ainda se encontra escrito — *Momentos Ilegítimos*. E depois, o tempo passa. Talvez nada dessa memória valha a pena. Apenas a terra à espera, ela mesma à espera da mudança, a ponte em aberto com um pilar à espera. 

